

Hélvio Rech



Trecho do parque: preservação de centenas de espécies de répteis, anfíbios, aves e mamíferos

Rebeca Kritsch/AE

## Parque estadual preservará último trecho de várzea

*Parque do Ivinhema vai proteger animais e vegetação prejudicados por usina*

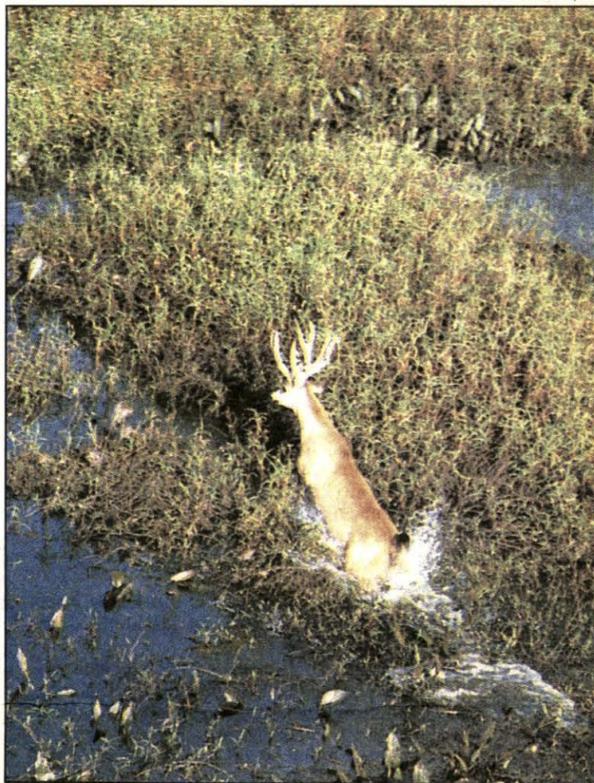
**T**AQUARUÇU – O último trecho livre da várzea do Rio Paraná será transformado em um parque pelo governo de Mato Grosso do Sul. O restante das margens foi alterado por usinas hidrelétricas. A área a ser protegida já está demarcada e deve tornar-se o Parque Estadual das Várzeas do Ivinhema oficialmente em setembro, segundo a Superintendência do Meio Ambiente do Estado.

Localizado no sudeste do Estado, o parque terá cerca de 72 mil hectares – será 450 vezes maior que o Parque do Ibirapuera, em São Paulo –, segundo o superintendente do Meio Ambiente, Hélvio Rech. Ocupará parte de Taquaruçu, Jateí e Naviraí, municípios que o Rio Paraná, ajudado pelo Rio Ivinhema, inunda parcialmente (veja ilustração). “O que sobra desse ecossistema é isso”, diz Rech.

A área preservará centenas de espécies de répteis, anfíbios, aves e mamíferos. Terá ainda criatórios naturais de peixes, garantindo a sobrevivência de espécies prejudicadas pela Usina Hidrelétrica Sérgio Motta, em Porto Primavera. “Mas esse parque não paga o impacto ambiental da hidrelétrica”, afirma Rech.

Um exemplo disso ocorreu na semana passada, na área ao norte da usina, que não fará parte do parque. Oito cervos-do-pantanal foram encontrados mortos. Segundo Rech, os exames atestaram a fome como causa da morte. “Eles ficaram ‘prensados’ numa área pequena antes da barragem, disputando espaço com os bovinos”, explica. “Isso mostra também que o resgate de animais não foi suficiente.”

De acordo com a Polícia Florestal, nas áreas atingidas pela usina, só 20% da fauna foi salva. O resgate começou no fim do ano passado. Foram recolhidas centenas de cobras, tatus, aranhas, sapos, pássaros, capiva-



Cervo-do-pantanal, habitante da área: vida entre folhagens

ras, macacos, tamanduás, gambás, jacarés.

A reportagem do Estado percorreu em um barco e sobrevoou de helicóptero a área destinada ao parque. Pelos rios, o que mais se vê é a vegetação. Em alguns trechos, forma corredores de verde que, refletidos na água, parecem envolver o barco. De colorido, há as flores das margens e dos canteiros de aguapé, brancas e lilases. Para ver algum bicho das águas, é preciso ser silencioso e paciente. Embora a pesca esteja proibida, a polícia flagrou um pescador, liberado depois de uma bronca.

### Contornos

No ar, esquadrihar os tons de verde do pântano em busca de cervos e capivaras hipnotiza. Eles vivem entre as folhagens, patas afundadas na água. Das capivaras, quando assustadas, vê-se apenas a cabeça fora d’água. A terra firme, intercalada ao solo movediço, forma contornos abstratos na imensa planície.

O principal acesso ao parque será pelo município de Taquaruçu. “Para nós é importante”, afirma o prefeito João Clóvis Crivelli. “Poderemos explorar o turismo.” (R.K.)

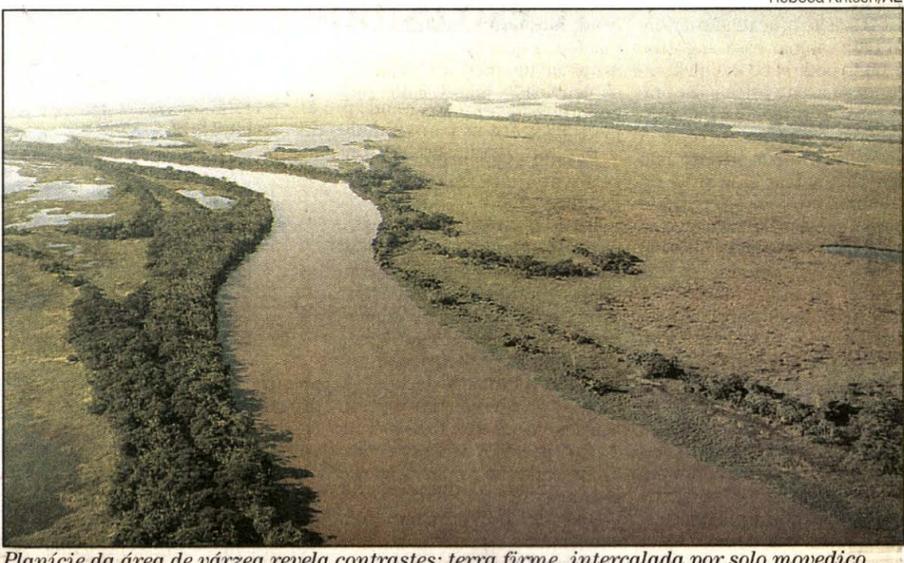
■ Toda a série está na NetEstado ([www.estado.com.br](http://www.estado.com.br) ou [www.l.estado.com.br](http://www.l.estado.com.br))

Rebeca Kritsch/AE

“O que sobra desse ecossistema é isso”  
 Hélvio Rech, superintendente do Meio Ambiente de Mato Grosso do Sul, sobre o Parque do Ivinhema

“Esse parque não paga o impacto ambiental da hidrelétrica”  
 Rech, sobre a Usina Sérgio Motta

“Para nós é importante, poderemos explorar o turismo”  
 João Clóvis Crivelli, prefeito de Taquaruçu



Planície da área de várzea revela contrastes: terra firme, intercalada por solo movediço